

PROVÉRBIOS NA FOLHA

Camila Rebecca BUSNARDO

Gabrielle Gulgueira CAVALIN

Júlio César MODENEZ

Nãashara dos Santos TONINI

Professora Responsável: Vandersí Sant'Ana Castro

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é verificar, através de uma amostra, a utilização de provérbios no contexto jornalístico. Tendo em vista que Obelkevich (1996) aponta uma acentuada diminuição no uso de provérbios na classe instruída a partir do século XX, procuramos verificar o que se atesta na contemporaneidade, considerando-se um tradicional jornal paulista, a *Folha de S. Paulo*. Adotando um enfoque longitudinal, analisamos, por amostragem, a presença de três provérbios na *Folha*, de 1924 a 2011. **Palavras-chave:** provérbios; jornal *Folha de S. Paulo*; contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa pesquisa instigados pela afirmação de Obelkevich (1996: 46) a respeito do que ele considera o principal acontecimento na história dos provérbios: “o seu abandono pelas classes instruídas”. Os estudantes de graduação são considerados classe instruída e, entre nós, o provérbio não parece ter desaparecido totalmente, haja vista as frequentes citações de provérbios em conversações informais. Ainda usamos inúmeros provérbios e isso nos leva a indagar: se nos lembramos tanto deles, será que realmente eles desapareceram?

Para responder a essa questão não poderíamos nos basear apenas em dados empíricos assistemáticos e relativos a uma amostragem muito restrita (estudantes de graduação em Letras). Selecionamos, então, para estudo, um meio impresso, um jornal, pelo poder do registro da escrita e por circular na classe instruída¹ (justamente o segmento social em que, segundo Obelkevich, o uso dos provérbios teria desaparecido).

¹ Vale ressaltar que em seu texto, Obelkevich se refere à classe instruída da Inglaterra, país de pleno desenvolvimento. Nessa pesquisa, nos referimos à classe instruída do Brasil, país emergente.

Nessa pesquisa consideramos três provérbios, escolhidos aleatoriamente, e buscamos verificar o seu uso no discurso jornalístico. Procuramos, basicamente, responder a duas questões: uma, de perspectiva histórica – o uso dos provérbios aumentou ou diminuiu com o passar dos anos? – e outra, de natureza temática – em quais gêneros jornalísticos os provérbios aparecem?

Os três provérbios escolhidos foram: “Casa de ferreiro, espeto de pau”; “Quem não arrisca não petisca”; e “De grão em grão a galinha enche o papo”. Utilizamos como *corpus* exemplares do jornal *Folha de S. Paulo* e, ainda, dos extintos *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*. Para a pesquisa, usamos o acervo digital da *Folha*, disponível no site do Jornal *Folha de S. Paulo*. Vale ressaltar que os jornais, desde a sua primeira versão, estão disponíveis gratuitamente, no site, por tempo limitado.

Como base metodológica, usamos o campo “busca por frase”, digitando o provérbio de forma integral. A análise não ficou cingida à atualidade, tendo em vista que consideramos desde a primeira ocorrência de cada provérbio. Ao considerar da primeira até a última ocorrência (relativa ao mês de abril de 2011), nosso objetivo foi comparar a frequência com que o provérbio aparecia no jornal e como isso se dá atualmente. Partimos, então, de um *corpus* abrangente, visto que o material disponibilizado no domínio do referido jornal (Acervo Digital da Folha de S. Paulo) é vasto: traz digitalizadas reportagens, por exemplo, da década de 1924 e estende-se à atualidade.

Visando a uma análise longitudinal da ocorrência dos provérbios, adotamos o seguinte procedimento: escolhemos, por década, três ocorrências de cada um dos provérbios – a primeira e a última da década e uma ocorrência, aleatória, de um ano intermediário da década estudada. Restringimos o número de ocorrências por décadas, uma vez que consideramos esse número suficiente para a análise que pretendíamos realizar e, também, porque analisar todas as ocorrências seria inviável nos limites do trabalho.

O trabalho original está dividido em três partes: na primeira, analisamos o Jornal *Folha de S. Paulo* objetivando entender sua organização estrutural; na segunda, fazemos uma análise comparada dos resultados numéricos das ocorrências dos três provérbios; na terceira e última, dedicamo-nos a uma análise específica do uso de cada provérbio. Na seção “Anexo”, reproduz-se o *corpus* utilizado, com um comentário específico de cada ocorrência. No presente texto, apresentamos a análise comparada e nos circunscrevemos à discussão do provérbio “Casa de ferreiro, espeto de pau”, que foi o que ocorreu com maior frequência no *corpus* analisado.

O GÊNERO PROVÉRBIO

“Embora sejam fáceis de ser reconhecidos, os provérbios, curiosamente, apresentam dificuldades para sua própria definição. Mas parece existir um consenso geral quanto a serem ditos populares tradicionais que oferecem sabedoria e conselhos, de maneira rápida e incisiva.” (Obelkevich, 1996: 48)

Nossa escolha, quanto aos três provérbios, foi baseada nas características acima mencionadas por Obelkevich; os três provérbios escolhidos correspondem plenamente a essas peculiaridades apontadas por Obelkevich para a definição ou reconhecimento do

provérbio. Todos eles, assim, ilustram as características básicas do gênero, pois são enunciados cristalizados socialmente, que representam o pensamento comum, são anônimos e atemporais (no sentido de que contêm uma “verdade imutável, válida em qualquer época”). São enunciados concisos e incisivos: por meio de poucas palavras transmitem sentidos que vão além das metáforas construídas e podem ser aplicados a diversos contextos de enunciação.

Pelos diversos usos constatados, comprovam a caracterização apontada por Obelkevich, segundo a qual os provérbios “podem ser usados em qualquer estado de espírito, em qualquer situação; eles [provérbios] atravessam as fronteiras normais da linguagem e representam um registro polivalente e multifuncional com existência própria” (Obelkevich, 1996: 48).

Das funções dos provérbios, crítica e fática, descritas por Obelkevich (1996), a função crítica é a mais encontrada no corpus: a impessoalidade dos provérbios salienta a “verdade ou sabedoria” que expressam, atenuando o conflito que possivelmente poderia ser gerado com o interlocutor, caso o provérbio indicasse uma voz única e não múltiplas vozes – vozes de uma sociedade. Isso pode ser notado, por exemplo, no artigo “Tendências e debates” de 8 de maio de 2010, em que o autor cita o provérbio “quem não arrisca, não petisca” como voz de autoridade que confirma o argumento apresentado. O autor argumenta que se os investimentos em países ricos estão desacelerados pela crise econômica pela qual passam, os olhares passam a se voltar para os “lugares menos ruins e com potencial de alta”, como o Brasil. Nesse sentido, “quem não arrisca, não petisca”, isto é, era oportuno, na época, investir em locais como o Brasil, almejando a obtenção de retorno financeiro.

Os provérbios também podem ser empregados, simplesmente, “porque soam bem – porque (...) [as pessoas] apreciam sua forma e fraseologia, sua perspicácia, imagens e estilo verbal” (Obelkevich, 199: 49). Esse é o caso, por exemplo, do uso de provérbios por personagens, como constatamos na reportagem “Socióloga garimpa expressões para a Globo”, de 10 de setembro de 1993, em que a socióloga Maria Elisa Berredo pesquisa vocabulário e expressões que comporão as falas de personagens de uma novela da Rede Globo. Entre as personagens, Maria Elisa destaca um jornalista de nome Praxedes, em cuja fala serão incluídos muitos provérbios, uma vez que adora citá-los, e principalmente, verter ditados conhecidos em português para outras línguas.

Lembramos que “o significado de um provérbio depende não só do que é dito em si, mas também da situação em que ele é usado” (Obelkevich, 1996: 50). Dessa forma, não buscamos, em nossa análise, um significado único ou as interpretações possíveis para o provérbio em si, mas procuramos verificar e entender os desdobramentos de sentido e de formas que sofre de acordo com a situação de enunciação em que é usado. Notamos que os sentidos cristalizados dos provérbios podem ser modificados de acordo com a pretensão enunciativa.

A OCORRÊNCIA DOS PROVÉRBIOS

A fim de realizarmos uma análise comparada dos provérbios, valemo-nos das tabelas abaixo, relativas às ocorrências dos provérbios no *Jornal Folha de S. Paulo, Folha da Manhã e Folha da Noite*. Esses números englobam desde a primeira ocorrência nos jornais até a última, no mês de abril de 2011.

CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU (1)

DÉCADA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS PROVÉRBIOS
2001 – 2011	17
1990 – 2000	23
1979 – 1989	32
1968 – 1978	22
1957 – 1967	3
1946 – 1956	0
1935 – 1945	2
1924 – 1934	1

QUEM NÃO ARRISCA NÃO PETISCA (2)

DÉCADA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS PROVÉRBIOS
2001 – 2011	7
1990 – 2000	9
1979 – 1989	21
1968 – 1978	9
1957 – 1947	1
1935 – 1945	5
1924 – 1934	17

DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO (3)

DÉCADA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS PROVÉRBIOS
2001 – 2011	1
1990 – 2000	5
1979 – 1989	3
1968 – 1978	9
1957 – 1967	4
1946 – 1956	3
1935 – 1945	3

Conforme a tabela, o provérbio que apresenta menor índice de ocorrências é o “De grão em grão a galinha enche o papo” e o de maior incidência é “Casa de ferreiro, espeto de pau”. Uma das possíveis justificativas é que o provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo” não mais corresponde ideologicamente aos princípios sociais contemporâneos (lógica capitalista), por isso, não se aplica nos dias atuais. Já o provérbio “Casa de ferreiro, espeto de pau” é objeto de manipulação formal, ou seja, a ordem do provérbio é subvertida, e ele aparece, inclusive, no jornal, como nome de coluna esportiva.

Atesta-se a maior ocorrência de provérbios na década de 80. Procuramos verificar a ocorrência no jornal de outros 15 provérbios socialmente aceitos para averiguar esse fato, e, em todos os casos, a década de 80 aparece com o maior número de páginas em que os provérbios são usados.

Constatamos, também, a ocorrência de provérbios em diferentes gêneros jornalísticos, desde os gêneros consagrados do jornalismo opinativo (artigo, resenha, quadrinho, crônica, coluna), até notícias e reportagens.

GÊNERO	OCORRÊNCIAS	GÊNERO	OCORRÊNCIAS
Artigo	6	Carta do leitor	1
Crônica	2	Cruzadinha	3
Coluna	12	Propaganda	7
Notícia/reportagem	18	Horóscopo	1
Nota	4	Seção cultural	2
Quadrinho (tirinha)	4	Fovest	1
Folhinha	1		

Contrariando nossa expectativa inicial, de que os provérbios não apareceriam em notícias e reportagens, prevalecendo sua ocorrência em propagandas e gêneros típicos de opinião, foi justamente no campo da notícia e reportagem que os provérbios mais apareceram. Essa constatação numérica demonstra que a afirmação de Obelkevich de que os provérbios estão em desuso e não são mais valorizados socialmente não pode ser considerada uma verdade absoluta considerando a nossa sociedade. O autor indica o abandono dos provérbios pelas classes instruídas. Mas o que representa o jornal *Folha de S. Paulo* senão um meio de circulação feito pela e para a classe dita instruída? Assim, a afirmação mais aceitável, em consonância com o constatado em nossa análise, no contexto atual do jornal em estudo, é a de que por mais que a classe culta tenha rejeitado os provérbios, ainda os utiliza hodiernamente².

Nas notícias, os provérbios aparecem como argumento de autoridade do próprio jornalista ou, então, como citação do entrevistado, e, em ambos os casos, indicando um lugar comum socialmente aceito e valorizado. Como exemplo, citamos a edição de 17 de maio de 1979, em que o provérbio “de grão em grão a galinha enche o papo” aparece em notícia a respeito da liberação de verbas para canalização do córrego Pirajuçara. O provérbio é usado pelo jornalista para ironizar a atitude do prefeito de desviar verbas públicas, fato que causou o descontentamento na população. Outro exemplo é a coluna de 30 de junho de 1931, em que o provérbio “quem não arrisca não petisca” aparece no meio popular (na fala de vendedores de bilhete de loteria).

Quanto às subversões semânticas e estéticas, já na década de 40 do século passado, os provérbios aparecem subvertidos, indicando que estão longe de ser estáticos. É o que ocorre, por exemplo, no artigo “A mentira da arte”, de 2 de novembro de 1945, em que o provérbio é usado para confirmar o pensamento do autor sobre arte. O autor afirma que muitos artistas são mais propagandistas do que fazem do que reais representantes da simplicidade e da verdade: “a galinha não enche o papo de grão em grão como dizem os tratadistas internacionais (...) mas, ao contrário, encham o grão de papo em papo”.

A análise apenas numérica das ocorrências já demonstra que os provérbios não deixaram de circular nesse meio específico, pelo contrário, dependendo do provérbio, o uso até aumentou, como é o caso de “Casa de ferreiro, espeto de pau”. Pode-se pensar que mesmo sendo usado, esse número é muito pequeno, considerando-se o número de, no máximo, 32 ocorrências em uma década. Ressalte-se que esse índice se refere a apenas

² O fato de Obelkevich escrever a respeito do uso de provérbios em uma sociedade desenvolvida e nossa pesquisa ser realizada em um país emergente pode indicar uma diferença na realidade considerada e, pois, no uso dos provérbios.

um provérbio. Se considerarmos o grupo dos três provérbios analisados, são mais ocorrências e, tantas mais haverá quanto mais provérbios forem considerados na análise, nesse meio de produção. Assim, a presença de provérbios, em geral, na *Folha de S. Paulo*, é significativa. Neste trabalho analisamos a ocorrência de três provérbios, mas pensando na diversidade de provérbios correntes, pode-se afirmar, pela amostragem, que, nesse meio específico, o gênero ainda é utilizado e valorizado – como pudemos constatar em algumas colunas, mesmo quando os provérbios são alterados, os provérbios originais não são desprestigiados.

ANÁLISE DO PROVÉRBIO “CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU”

Este provérbio, na análise realizada, foi o que contabilizou o maior número de ocorrências. Desde a década de 1924-1934 até hoje, foram mais de 100 aparições no acervo digital da *Folha de S. Paulo*.

O uso do provérbio, além de constante, foi dinâmico. Foram encontradas ocorrências em diversos cadernos do jornal: desde o Primeiro Caderno, Economia e Esportes, até a Folhinha e a Ilustrada. Em todas as ocorrências, o provérbio apareceu ou em sua forma tradicional ou com subversões estéticas. Em comum, registra-se o seu uso como fundamentação argumentativa, principalmente em colunas de opinião, ou citações em falas.

Década de 1924 – 1934

A década de 1924-1934 registra apenas uma ocorrência, mas significativa, do ponto de vista histórico, de uma época pautada na agricultura, sobretudo no Estado de São Paulo, grande produtor cafeeiro. Numa coluna de 23 de janeiro de 1931, no Caderno Único da extinta *Folha da Noite*, o autor apresenta uma análise do Serviço Sanitário de São Paulo, apontando que apenas uma marca de café da capital paulista fora julgada boa. A cidade tinha a fama nacional de grande produtora de café, pois tinha as maiores plantações e culturas. No início do texto, o provérbio é usado como forma de apresentação do tema, que é desenvolvido em seguida através da exposição dos dados da análise. Ao final, o colunista afirma: “Já que somos a terra do café, isto é, a casa do ferreiro, bebamos o peor café, isto é, suportemos sem tugar nem mugir o espeto de pau. Periga a nossa saúde, mas salva-se um provérbio” (*Folha da Noite*, 23/01/1931, p. 9), retomando o dito e encerrando a coluna.

Década de 1935 – 1945

A década de 1935-1945 apresentou duas ocorrências, no Caderno Único da extinta *Folha da Noite*.

Destaca-se uma coluna de 28 de julho de 1942, da seção “Cidade Maravilhosa”, do Caderno Único da *Folha da Noite*, denominada “Em cima da hora”. No texto, o colunista ironiza um fato banal: um relojoeiro prejudicou-se pelo próprio atraso. “Este é, assim, um caso típico de ‘espeto de pau’ numa ‘casa de ferreiro’” (A. M., *Folha da Noite*, 23/01/1931, p. 10), resume o autor logo no início da coluna, relatando a seguir que o proprietário da relojoaria, ao atrasar-se na chegada ao local de serviço, deixou de evitar um roubo dos seus pertences. É

oportuno ressaltar aqui como o provérbio é capaz de apontar situações de banalidade e questões relevantes.

Década de 1946 – 1956

A década seguinte (1946-1956) foi a única, no *corpus* trabalhado, que não apresentou ocorrências. Não há grande surpresa no fato, já que em décadas anteriores a presença foi ínfima, de uma ou duas ocorrências.

Década de 1957 – 1967

Entre os anos 1957 e 1967, três aparições foram contabilizadas, um número maior em relação às décadas anteriores. Dos três casos, apenas um ocorreu em um texto opinativo: em 1958, no Primeiro Caderno da extinta *Folha da Manhã*. No texto da Coluna Perda de Tempo de 10 de janeiro, aconteceu a primeira subversão do provérbio, com modificações na ordem das expressões (inversão), mas sem alteração semântica. O autor ironiza a péssima estrutura arquitetônica do Departamento de Arquitetura de São Paulo: “É um autêntico espeto de pau em casa de ferreiro a nova sede do Departamento de Arquitetura, com seus corredores absurdamente exíguos (...)” (*Folha da Manhã*, 10/01/1958, p. 4). O uso, registrado ao fim do texto, sintetiza as informações apresentadas anteriormente e retoma o título: “Casa de ferreiro”. Aqui, percebe-se a utilização da ironia do provérbio em uma situação séria, que estava, inclusive, causando desconfortos a visitantes e empregados.

As outras duas ocorrências da década foram em cruzadinhas, que pediam alguma parte do provérbio para completar os quadros da brincadeira. Ressalta-se aqui que, ao aparecer (não somente) no segmento das cruzadinhas, o provérbio se revela parte integrante da sociedade, conhecido pela grande maioria das pessoas, a ponto de pertencer a uma sabedoria popular, como é intrínseco nesse tipo de passatempo.

Década de 1968 – 1978

A década que compreende os anos de 1968 a 1978 registra a primeira grande expansão das ocorrências do provérbio no acervo da *Folha*. Foram documentadas 22 ocorrências, relacionadas a variados assuntos, comprovando a dinamicidade do uso proverbial. Um exemplo (ver figura 1) é a ocorrência de 14 de dezembro de 1968, no Primeiro Caderno, em que, pela primeira vez, o provérbio apareceu em uma propaganda publicitária. Trata-se de um anúncio de uma marca de sardinhas, em que o provérbio foi utilizado como uma pergunta, “Casa de ferreiro, espeto de pau?”, questionando se o pescador (da foto) saberia da qualidade do



Figura 1: Propaganda de 1968, utilizando-se do provérbio “Casa de ferreiro, espeto de pau”

produto anunciado – sardinhas Coqueiro. Como resposta, a propaganda indica: “Muito pelo contrário. Ninguém entende mais de sardinha do que este velho pescador. E é justamente por isso que ele prefere Coqueiro.” Desta forma, a imagem do pescador serve para confirmar a qualidade do produto e recomendá-lo ao consumidor.

Mais uma vez com um uso humorístico, o provérbio tenta comprovar a verdade da propaganda em questão. Por sua linguagem concisa e incisiva, os provérbios são eficientes e práticos para o jogo publicitário, daí a constância desse gênero nas ocorrências analisadas.

Outro uso verificado nesta década foi na seção “Cartas à Redação”. Em 16 de junho de 1972, um advogado trabalhista remeteu ao provérbio, em sua forma tradicional, para expressar sua indignação por não conseguir a aposentadoria. Mesmo nas palavras cuidadosamente escolhidas pelo bacharel, o dito ganhou espaço, provando-se, novamente, símbolo de prestígio e conservadorismo. O mesmo acontece nas “Notas Econômicas” de uma edição de 4 de agosto de 1974, quando o colunista, conhecido por sua linguagem acessível, informal (diferente do “economês”), critica o governo estadunidense em contrapor-se à presença árabe em empresas norte-americanas: “Durante quase um século, [os EUA] pregaram a propriedade estrangeira de empresas nacionais. Agora, condenam a eventualidade de inversões árabes em empresas americanas. É o tal negócio: casa de ferreiro, espeto de pau.” (Joelmir Beting, *Folha de S. Paulo*, 04/08/1974, p. 28.)

Década de 1979 – 1989

Na década de 1979-1989 há o maior número de ocorrências do provérbio: 33 aparições nas mais variadas seções do jornal. Nas Notas Econômicas em 5 de maio de 1979, o ditado foi novamente usado em forma de pergunta, concluindo a informação de que a Petrobrás, maior produtora nacional de petróleo e, por conseguinte, de gasolina, iria abastecer sua nova frota de carros somente com álcool: “No Brasil, o fato mais significativo, do ponto de vista político, foi o recente anúncio da Petrobrás, dando conta de que a frota da empresa (...) passará a consumir álcool hidratado, sem uma só gota de gasolina. Casa de ferreiro, espeto de pau?” (Joelmir Beting, *Folha de S. Paulo*, 05/05/1979, p. 19.)

Em 18 de abril de 1981, o Primeiro Caderno mostrava uma coluna sobre a vistoria da sede do Instituto dos Arquitetos de São Paulo. Tal como no exemplo de 1958, o prédio estava sem condições arquitetônicas adequadas. Aqui o provérbio também foi empregado sem subversões.

Em 10 de outubro de 1982, na seção “Mulher”, uma reportagem trouxe o provérbio para exemplificar que uma criança, cuja mãe trabalha e mora em um clube, não podia usar a piscina do local: “Ela diz que mora na Casa do Atleta, alojamento que o próprio clube oferece para seus jogadores ainda não tão craques. Lá, sua mãe, que trabalha como faxineira e cozinheira, tem um cantinho para viver: ‘Eu posso entrar no clube, mas na piscina eles não deixam’. Casa de ferreiro, espeto de pau.” (*Folha de S. Paulo*, 10/10/1982, p. 16.)

De um modo geral, em todos os textos não opinativos, um padrão foi verificado: o provérbio sempre aparece na fala de um ou outro entrevistado, entre aspas e, na maioria das vezes, em sua forma tradicional. No caso supracitado, porém, o uso do provérbio surge como uma conclusão da própria matéria, após relatar a situação, e também na forma tradicional.

Década de 1990 – 2000

No último decênio do século passado (1990 – 2000), o número de ocorrências apresentou uma leve queda: o uso do provérbio foi registrado 23 vezes. Pela primeira vez, constatou-se a utilização do provérbio como título de uma coluna. O caso em questão, de 4 de fevereiro de 1990, era do caderno de Economia e ironizava o fato de o Banco Central ter perdido o controle da inflação mesmo com a fartura de dinheiro no país em 1989. O fato de o provérbio ser empregado no título demonstra sua eficiência como título, pela concisão da estrutura proverbial, cujo valor semântico independe de explicações. O provérbio, no título, anuncia a problemática do artigo (ver figura 2).

Outro exemplo de 1994, no caderno de Esportes, é uma reportagem de 13 de setembro que visa a contrariar o valor semântico do provérbio. O autor dizia que a Eaes, que ensina



Figura 2: Coluna econômica de 1990, trazendo o provérbio como título



Figura 3: Colunas de 2001 e 2011 utilizando o provérbio como títulos de notas

teorias de gestão em salas de aula, aplicou-as na reestruturação da própria escola. Como se percebe em todas as reportagens (textos de cunho impessoal), o ditado foi empregado na fala dos coordenadores do colégio, a partir da qual se concluiu que nesse caso o provérbio não poderia ser usado. "Nós acabamos com o ditado que diz que em casa de ferreiro o espeto é de pau" (Folha de S. Paulo, 13/09/1994, p. 7), disse um dos diretores. Outro exemplo de citação aconteceu em 18 de março de 1999, na seção "Ilustrada", com uma reportagem sobre um produtor musical que lançaria um CD solo. Ele, que havia ajudado dezenas de cantores a vender bem seus discos, cita o provérbio como o que deve ser evitado por ele na nova empreitada: "O desafio do CD é contrariar o ditado de que, em casa de ferreiro, o espeto é de pau."

Esses dois últimos exemplos, o caso da Eaes, que teve orgulho de fugir à regra imposta pelo ditado (como se fosse uma verdade incontestável) e a história do produtor musical, que espera também escapar à regra, demonstram a força do provérbio em cristalizar situações sociais, a ponto de essas tornarem-se referências inquestionáveis e

inevitáveis. Por isso, o fato de ir contra a lógica da sociedade, ou seja, “usar-se de espeto de ferro em casa de ferreiro”, é algo sempre destacado e curioso.

Década de 2001 – 2011

Também há um número significativo de ocorrências na década passada: entre 2001 e 2010, chegando até os primeiros meses de 2011, foram encontradas 17 ocorrências. Nesse decênio, um pouco de cada exemplo dos anos anteriores foi encontrado: o uso do provérbio em títulos de pequenas citações de colunas, em 8 de agosto de 2001 e 14 de abril de 2011 (ver figura 3); cruzadinhas em 8 de julho de 2005 e uma reportagem de 21 de junho 2007, na seção “Dinheiro”, sobre o fato de a Embraer, empresa brasileira de aviação, possuir 98% da frota de aviões exportada, foram algumas das aparições do provérbio.

O USO AO LONGO DOS PERÍODOS ANALISADOS

Considerando os dados atestados em referência aos três provérbios, destacamos algumas observações quanto a sua ocorrência na *Folha de S. Paulo* ao longo dos anos considerados:

- O uso é mais comum em colunas de opinião, quando o provérbio pode ser usado em sua forma tradicional ou com subversão na ordem, e aponta conclusões do colunista ou títulos, que refletem as ideias trabalhadas no texto.
- Em reportagens (textos de cunho impessoal), o ditado é usado somente em citações de entrevistados, geralmente em sua forma tradicional.
- Visto como integrante do léxico da língua, o provérbio é parte integrante do repertório do falante. Foram encontrados também exemplos em propagandas e cruzadinhas, o que confirma a naturalidade e o conhecimento dos provérbios.
- Seu uso passa a ser mais constante a partir da década de 60, tendo seu auge nos anos 80 e entrando em declínio após essa década.

Apesar da diminuição do número de ocorrências na última década, o provérbio continua sendo usado com certa constância para um jornal tradicional como a *Folha de S. Paulo*. Seu uso, além disso, nunca foi depreciativo, mas sempre demonstrou o prestígio que o provérbio ainda possui na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos provérbios do jornal *Folha de S. Paulo* verificou-se que, nesse contexto de publicação, os provérbios não deixaram de circular e, ao contrário da afirmação de Obelkevich (1996), é ainda recorrente o uso de provérbios pela classe instruída. Isto pode se atestar pelo fato de haver, ainda hoje, uso familiar de certos provérbios e, além disso, uso regional de outros, o que nos permite dizer que resistem, mesmo em um meio jornalístico de que se vale a classe dita instruída. Além disso, verificamos quão diversificada

pode ser a abordagem de um provérbio pelo meio jornalístico: as ocorrências transitam entre reportagens de economia, moda, cultura (em sentido amplo, de atração artística), ciências, astrologia, quadrinhos, loteria esportiva e agropecuária.

Notamos que, em dados contextos, ora há manutenção, ora há a modificação na forma tradicional do provérbio, mas, basicamente, é possível afirmar que os provérbios analisados se mantiveram, na maior parte dos casos, sem subversões semânticas. Quanto à subversão de ordem, em que, por exemplo, a ordem direta do provérbio é alterada, há uma progressão de liberdade nessa alteração, ou seja, nas primeiras décadas analisadas, o provérbio se encontrava predominantemente em sua forma tradicional e, com as décadas, passou a ser mais manipulado. No entanto, essa subversão não ocorre nesse meio de circulação como forma de ridicularização do provérbio, mas como forma de ironizar, satirizar ou criticar o assunto tratado, seja na notícia, no artigo ou na coluna. Um exemplo é verificado numa notícia da edição de 13/10/1989, sobre uma greve promovida pelos funcionários da Central Única dos Trabalhadores. Os grevistas distribuíram folhetos com os dizeres “casa de ferreiro, o espeto continua sendo de pau”, ironizando o fato de a CUT, que zela pelos direitos dos trabalhadores, não conceder aumento aos próprios funcionários.

Entre os provérbios analisados, o “De grão em grão a galinha enche o papo” e “Quem não arrisca, não petisca” podem ser considerados contraditórios quando aplicados ao contexto financeiro, uma vez que, o primeiro pode embasar um pensamento mais cauteloso e o outro, mais liberal, de incentivo ao ato de arriscar. No entanto, eles são comprometidos com pensamentos sociais distintos, característicos de períodos histórico-sócio-econômicos específicos, que possibilitam afirmar que ambos são verdadeiros, de acordo com a situação empregada.

Os provérbios são utilizados pelos jornalistas e colunistas como forma de auxílio na composição escrita, funcionando como uma “caixa de truques de composição” (Obelkevich, 1996: 59), aumentam o repertório do escritor e jornalista no momento da escrita, e também permitem associações metafóricas que sintetizam ideias.

Apesar da afirmação de Obelkevich de que “durante algum tempo, os provérbios foram considerados, pelas classes escolarizadas, com certa aversão, até mesmo desprezo: os provérbios segundo elas são antiquados, contraditórios, impossíveis de ser levados a sério” (Obelkevich, 1996: 44), a *Folha de S. Paulo*, como meio de circulação em uma sociedade desenvolvida e instruída, ainda utiliza os provérbios como argumento de autoridade, reconhecendo-os como parte da cultura socialmente aceita. Isto é, no meio específico do *Jornal Folha de S. Paulo*, os provérbios são, na maioria das vezes, “‘estratégias para situações’, mas estratégias com autoridade, que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e a maneira de fazer as coisas” (Obelkevich, 1996: 45).

Ressalta-se que, embora representativos do gênero oral, os provérbios aqui analisados estão presentes em um meio de circulação escrito. O fato de, apesar do seu caráter eminentemente oral, estarem presentes na escrita e em um meio tradicional (o *Jornal Folha de S. Paulo*), apenas comprova a força que os provérbios ainda apresentam atualmente: como verdade inquestionável e lugar do senso de uma coletividade.

BIBLIOGRAFIA

MELO, José Marques. Capítulo IV: Gêneros Opinativos. In: **Jornalismo Opinativo – Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Edit. Mantiqueira Campos do Jordão, 3ª edição, 2003, p. 101 a 183.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In: Peter Burke & Roy Porter. **História social da linguagem**. Trad. Álvaro Hattner, São Paulo: Edit. Unesp, 1996, p. 43-81.

Acervo digital da *Folha*, disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso realizado durante o mês de abril de 2011.

Observação: Para a leitura do corpus analisado e comentado das ocorrências de provérbios no *Jornal Folha de S. Paulo*, enviar e-mail para gabriellegulgueira@gmail.com